Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
data ..../..../....
cod ØPDØØØ99

PESCA & Companhia

EDIÇÃO Nº 1
OUTUBRO 19
PREÇO R$ 5,00
EDITOR
almeida prado, terra conceição

Rio Xingu
A pesca dos peixes gigantes

O Dourado no fly

Um duelo emocionante com o Espadarte

Orlando Villas Boas conta histórias de pescador

A Corvina nas represas paulistas

Roteiro de pesca nº 12 para você montar

ISSN 0104-7272 19
9 770104 727004

Acervo ISA

O índio honorário

ORLANDO VILLAS BOAS

Os irmãos Villas Boas são nomes hoje internacionalmente reconhecidos quando se fala na questão dos direitos dos povos indígenas. Eles - estamos falando de Leonardo, Cláudio e Orlando - dirigiram a expedição Roncador-Xingu, que em 1943 teve a espinhosa tarefa de abrir o caminho para a colonização do Brasil Central. Na esteira dessa missão brotaram 43 cidades. Os irmãos foram, ainda, responsáveis pelo batismo de vários rios e morros da região, preservando, sempre que possível, os nomes indígenas.

Os Villas Boas conseguiram conduzir, com sucesso, um grupo de caboclos sedentos por terras, em meio a animais perigosos e tribos de índios - algumas das quais nunca tinham entrado em contato com o homem branco, outras responsáveis pelo desaparecimento de expedições semelhantes.

E, aos poucos, passaram a ganhar a confiança do Marechal Rondon e extrapolar suas funções inicialmente burocráticas na missão. Passaram a ser a comissão de frente da Roncador-Xingu, conversando com os caciques e apaziguando as rixas entre índios e garimpeiros.

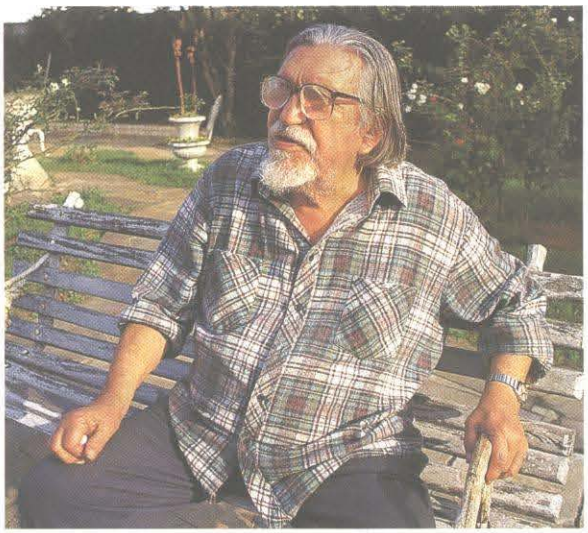
Instalados os colonos e dissipada a expedição, os irmãos decidiram continuar a morar com aquela legítima sociedade de nações. Leonardo morreu em 1961.

Nesse ano, o governo criou o Parque Nacional do Xingu, com o objetivo de preservar as nações do Alto-Xingu e a rica fauna e flora locais. Uma vitória dos índios, em grande parte devida ao empenho dos três irmãos.

O PARQUE NACIONAL DO XINGU

O Parque Nacional do Xingu, uma reserva federal, teve sua área aumentada em 1968. Atualmente, são cerca de 26.000km².

Ele se situa ao norte do Estado de Mato Grosso, numa zona de transição entre o Cerrado e a Floresta Amazônica. 19 nações indígenas de 9 línguas diferentes habitam o parque. Delas, a maior parte convive pacificamente.



RICARDO TELES

Além, claro, do Xingu, os rios mais importantes de lá são o Ronuro, o Batovi, o Kuluene e o Kurizevo, formadores do Xingu e que limitam a reserva ao sul; e os afluentes Suia-Missu e Maritsauá-Missu, que cortam ao norte. Os rios, aliás, são de fundamental importância para os povos do parque. Eles garantem o peixe, que é a base da alimentação desses índios, ao lado do biju de mandioca.

Por isso, as águas são sagradas para o índio. Índio não urina ou faz cocô no rio ou lago, nem mesmo em suas margens. Seria um grande desrespeito.

Qual o motivo para esse parque ter sido a única reserva indígena que deu certo nas três Américas? Orlando acredita que a explicação está no fato de que os habitantes do Xingu se mantiveram bastante fechados ao contato com invasores. Assim, mantêm até hoje muito conservados seus traços culturais e étnicos.

"A orientação que nós sempre demos aos índios foi de que o homem branco traria a destruição de suas famílias e de suas vidas.

Nós aconselhávamos que eles tentassem antes convencer, conversando, os brancos a saírem de suas terras. Em seguida, que discutissem e, se preciso fosse, engrossassem, para defender seus direitos.

Hoje, quem pisar lá e insistir, o índio mata."

Tratamento muito diferente recebem as crianças índias. Diferente, inclusive, daquele que damos às nossas crianças. Villas Boas conta que durante as décadas de convívio com esses povos, nunca viu um índio dar um tapa em outro, ou uma mãe puxar a orelha de seu filho. "A palavra *não*, como repreensão, não existe na língua deles. Se o pai acha que o menino está fazendo algo errado, simplesmente o pega no colo e tira do lugar, sorrindo."

O sertanista e indigenista permaneceu durante 43 anos no Xingu. Hoje, vive em São Paulo e ainda visita o Parque quando ocorrem conflitos entre as tribos. Está maluco com a possibilidade de a revisão constitucional - os madeireiros, mineradores e

Acervo ISA

REFLEXO/JAME STEWART

Acervo ISA

políticos regionais pressionam os governadores, que pressionam os deputados, que pressionam o presidente - anular o artigo 22, para dar lugar à contestação, retirando até 368 das 557 reservas indígenas do País. É, homem branco tem mania de falar muito mesmo. Vamos fazer como os índios: nos calar um pouco e escutar o que a experiência tem a contar. Eis alguns casos e aspectos da cultura indígena narrados por Orlando:

O SARGENTO FLECHADO

Certa vez, um sargento metido a besta quis ter relações, à força, com uma índia. O marido dela, confuso, veio me perguntar o que fazer. Eu disse: vai lá e flecha ele na bunda. E o índio fez mesmo!

Quiseram chamar um médico, mas eu não deixei. Mandamos o sargento para Brasília, com um jornalista, e avisamos que eles estavam indo.

Foi um rebu danado. Quando eles chegaram, tinham umas 300 pessoas esperando, no aeroporto, para ver o sargento com a flecha na bunda.

AS PESCARIAS E OS PEIXES

Tem alguns casos mais dramáticos. Certa feita, estávamos pescando Pirarucu em Luiz Alves. O sujeito que estava comigo no barco lançou o arpão e acertou um dos grandes. Não percebeu que a corda do arpão tinha se enrolado no seu tornozelo. Ele caiu na água. Tentei fazer com que segurasse num varejão para voltar, mas não deu tempo. A água ferveu: em 45 segundos as Piranhas o devoraram. Só consegui puxar um pedaço de perna.

Outra vez, também numa canoa, fisgamos uma Piraíba de 2,20m e uns 170kg. Ela arrastou a canoa rio acima e rio abaixo durante horas.

Para as grandes festas e cerimoniais, os índios fazem a pescaria com timbó [cipó venenoso]. Eles fecham a boca de um pequeno rio com tapagens, e jogam o timbó, macerado, na água. Os peixes se intoxicam e vêm à tona paralisados. Nessas ocasiões, as crianças exercitam seus dotes no arco e flecha, mirando os peixes que bóiam. Só escapam os Tucunarés, que são mais espertos e não se dão com os outros peixes [porque comem os filhotes deles]. Logo que eles percebem a área sendo cercada, disparam rio acima.

Os peixes mais gostosos do Xingu, a meu ver, são a Pirarara e a Piranha-Cabeça-de-Burro [Chupita]. Da Pirarara a cabeça é uma delícia, e aquela parte que poderíamos chamar de *costela* também. A Piranha tem duas placas de carne embaixo dos opérculos que são um requinte, saborosíssimas.

O Matrinxã é outro peixe maravilhoso. A sua carne é muito delicada e parece que já vem com uma massa de tomate. Os peixes de couro também abundam por lá. Eles podem ser pegos com um chuço [pau pontudo], à noite, nas beiras do rio.

Mas o caboclo e o índio geralmente não os comem.

Alguns deles, como a Piraíba e a Pirarara, são, muitas vezes, infestados de filárias [um parasita muito perigoso para o homem] no estômago e intestino. É preciso muito cuidado para prepará-los.

Os índios gostam do Curimbatá, que é muito fácil de fazer. Depois de assado no jirau, pele e escamas se desgrudam facilmente. E é um peixe *salvatório*, porque existe em quantidade. Já vi pegarem mais de 400 Curimbatás num dia só.

[Acima e página anterior] Na região do Xingu, os índios têm a sua cultura bem preservada. Evitam ao extremo o contato com o branco. Eles fiscalizam suas terras a fim de manter os limites intactos, matando os invasores mais insistentes

PIRARARAS E CANDIRUS

Existem peixes perigosos. A Pirarara, além de levar para o fundo tudo o que encontrar morto e boiando, costuma puxar pessoas. Ela tem uma cabeça enorme, 1 /3 do corpo, e a boca ocupa quase a cabeça inteira. Um dia, no começo da tarde, estávamos em quatro, nadando. Um dos rapazes se arriscou a ir até o meio do rio. De repente, afundou. Instantes depois, voltou à tona, com uma expressão facial de pânico e muito esforço. Gritou - "A Pirarara me pegou!". Um dos amigos nadou desesperado até ele, a tempo de ver a Pirarara rebocando o infeliz pelo pé. Nunca mais foi encontrado.

Mas acredito que o peixe mais terrível é mesmo o Candiru, que é ainda mais comum no Araguaia que no Xingu. É um peixinho miúdo, que entra pelos orifícios do corpo, muitas vezes sem que a pessoa perceba. Pode ser pela boca, ouvido, ânus, pênis, vagina, nariz. Às vezes vai para o fígado, rim, estômago, às vezes fica em outro buraco. E para sair é uma desgraça, porque ele tem uma *asinha* que fica em sentido contrário quando se quer puxá-lo para fora. Os caboclos acreditam que ele sobe pelo jato de urina, mas não é verdade. O que acontece é que quando a pessoa urina dentro d'água, isso atrai esse animal terrível. Os índios sabem disso, e jamais urinam na água. E sempre nadam com a boca fechada. As mulheres só entram no rio recatadas.

Presenciei a cirurgia para retirar um Candiru que tinha entrado no pau de um baiano de uns dois metros, no rio das Mortes. Eu e o doutor Vaía o levamos para o posto médico lá perto. O homem pelado, na mesa, urrava de dor. Doutor Vaía o examinava, segurando o pênis. "Se endurecer, eu corto fora!", ainda brincou com o coitado. Com uma pinça minúscula, conseguiu puxar o bichinho lá de dentro da uretra. Ele veio rasgando tudo, sangrou muito. Ao fim da extração, o doutor Vaía lhe gritou. "Agora vá embora, pescador vagabundo. Isso lá é jeito de pescar?"

Acervo ISA

ONÇAS E OUTROS BICHOS

É espantoso ver como o cachorro desafia a Sucuri. Ele chega a um palmo da boca da cobra, encara-a e diverte-se: Auauauauau. A Sucuri, furiosa, dá o bote. Ele, com um pulo para trás, escapa. Novamente: Auauauauau. A serpente, possessa, tenta de novo. O cão mais uma vez se esquiva. Várias e várias vezes seguidas. Quem vê fica intrigado: como o cão consegue reagir tão rápido, saber o momento em que ela vai atacar? Parece incrível, mas o cachorro olha no olho da Sucuri e, no momento em que vai desferir o bote, ela contrai as pupilas, se denunciando.

Onça é um bicho que tem bastante por ali. Eu me lembro de uma noite em que, logo depois do jantar, escutamos um esturro de Onça em um morro nas redondezas. O cozinheiro falou: vamos lá caçá-la. Todos os outros desaconselharam, pois caçar Onça no escuro é perigoso. Os cachorros até correram para perto do fogo.

Mas aí o cozinheiro pegou uma panela, passou um pouco de cinza, limpou até tirar toda a gordura. "Peraí, vocês já vão ver." E colocou três pedrinhas redondas na panela, levou ao fogo. Então virou a panela, deixando as pedras caírem.

"Vamos até lá. A Onça, eu garanto, não vai arredar o pé do lugar."

Chegamos até onde a Pintada estava e, de fato, ela não tinha fugido nem avançou em nós. Esturrou furiosamente, deu patada para todo lado, arrebentou todo o lugar - mas não saiu dali. Essa ninguém consegue explicar.

E Onça tem outros mistérios. Quando o caçador consegue acuá-la, com os seus cachorros, ela sobe numa árvore pequena e só fica encarando. Fica olhando no olho do melhor cachorro, o onceiro, o líder. Muitas vezes, esse cão ainda nem desenvolveu todas as suas habilidades, ele é um futuro onceiro. E a Pintada sabe. É esse cachorro que ela vai atacar. O caçador, aliás, percebe a Onça encarando o cão e o valoriza. Duplica, triplica o preço.

A Onça, cercada e ilhada no galho, também tem consciência de quem irá matá-la, quem irá dar o tiro. E encara fixamente.

Pelo jeito que a Onça desce do pau dá para saber as intenções dela. Se descer de frente, todos ficam atentos: ela vai dar um pulo súbito e fugir. Se descer de costas, é encrenca: está vindo para brigar ●

Pedro Biondi